

Relatório de Gestão
Embaixador Valter Pecly Moreira
Embaixada em Budapeste

Agosto de 2013 a outubro de 2016

INTRODUÇÃO

Com uma área de pouco mais de 90 mil km² e população de menos de 10 milhões de habitantes, a Hungria ainda hoje é marcada por fatos traumáticos de sua história, em especial as invasões e ocupações que sofreu ao longo dos séculos pelos mongóis e otomanos, pela monarquia dual austro-húngara dominada pelos Habsburgo, pelas opções que fez de aderir na primeira e segunda guerras mundiais à Alemanha, que, nesse último caso, resultaram, respectivamente, na perda de 2/3 de seu território, após a assinatura de Tratado de Trianon, em 1920, e a tutela que lhe foi imposta pela União Soviética a partir de 1945.

2. A queda do muro de Berlim, em 1989, o estabelecimento de um regime democrático, que se seguiu, a adesão do país à OTAN, em 1999, e a entrada na União Europeia, em 2004, foram alguns dos principais fatos que devolveram à Hungria sua identidade.

POLÍTICA INTERNA

3. Quando assumi a embaixada, em 2 de agosto de 2013, já se encontrava à frente do governo o primeiro-ministro Viktor Orbán, eleito pela primeira vez em 1998 como líder que era do partido Fidesz, que ajudara a fundar e que preside desde 1993. Perdeu as duas eleições seguintes para o Partido Socialista, em 2002 e 2006, mas recuperou o poder em 2010, com a obtenção de maioria de mais de 2/3 no Parlamento, o que o habilitou a fazer profundas mudanças na ordem jurídica e institucional da Hungria, incluindo nova Constituição, em vigor desde 2012.

4. Essa nova Constituição foi alvo de reiteradas críticas por parte de órgãos da União Europeia, sobretudo no que toca a certos aspectos das garantias e direitos fundamentais e ao tratamento dado ao Poder Judiciário, e teve que sofrer ajustes. Mas as críticas se estenderam também à percepção de que o governo se aproveitou da ampla maioria parlamentar para dar à lei máxima do país uma agenda partidária.

5. Viktor Orbán é um político extremamente ativo, muitas vezes controverso pelas ideias que professa, com profundo sentido de poder e grande ascendência sobre seus subordinados, que em geral lhe seguem com fidelidade e sem contestação. Em 2014, foi reeleito com renovada maioria

qualificada no Parlamento, mas nas semanas seguintes seu partido perdeu duas cadeiras, com o que deixou de ter a capacidade de aprovar automaticamente matérias que exigissem ampla maioria. Mas como assinalou à época o próprio Orbán, a configuração dessa nova Hungria já fora estabelecida; tratava-se agora apenas de ajustes e retoques, para os quais a maioria simples já era suficiente.

6. Novas eleições gerais estão previstas para 2018, e a julgar pelos elementos de análise de que se dispõe hoje, tudo leva a crer que o FIDESZ conseguirá permanecer no governo. Viktor Orbán já anunciou sua disposição de disputar novamente o cargo. Na realidade, as oposições de esquerda, divididas e de certa forma desprestigiadas pelos escândalos do passado, não conseguem recuperar seus índices de aceitação junto ao eleitorado, enquanto a extrema direita, representada pelo partido JOBBIK, embora goze de certo apoio consolidado entre o eleitorado ultraconservador, não tem conseguido ampliar sua margem de intenções de votos.

ECONOMIA HÚNGARA

7. A economia húngara sofreu o impacto da crise internacional de 2008/2009, tendo tido que recorrer, em seu momento, à ajuda do FMI, do Banco Mundial e da União Europeia. Sob a administração Orbán, no entanto, a partir de 2010, essa nunca foi uma situação confortável. Embora mantivesse as negociações em curso, o primeiro-ministro tudo fez para atenuar ao máximo suas consequências no país, de tal modo que conseguiu encerrá-las com resultados considerados vantajosos. Recentemente liquidou totalmente as dívidas contraídas com a chamada Troika, fato que soube explorar politicamente ao longo desses anos.

8. Na verdade, nos últimos três anos a Hungria retornou gradualmente ao equilíbrio, com crescimento moderado, mas constante, e a recuperação do emprego. Hoje, a taxa de desemprego é de apenas 5%. O PIB registrou índices positivos de 3,7% em 2014 e 2,9% em 2015 e as estimativas apontam também para crescimento de 2,5% em 2016 e 2,8% em 2017. Essa saúde financeira teria sido garantida em parte pela eliminação progressiva de empréstimos em moeda estrangeira, convertidos para o forint antes que a recente crise do euro se manifestasse. Uma jogada de mestre de seu ministro da economia, segundo os analistas. Além disso, houve firme política de controle e manutenção de baixo déficit orçamentário e redução do nível de endividamento do Estado.

9. Em vista desse cenário, reconhecido internacionalmente, o governo esperava que a Hungria alcançasse em 2016 a revisão do nível de investimento pelas agências de classificação de risco (a Hungria perdera o grau de investimento em 2011). Em maio último, a Fitch Ratings foi a primeira agência a fazê-

lo, e a Standard & Poor`s tomou a decisão em setembro, o que foi recebido com compreensível euforia.

POLÍTICA EXTERNA

10. A Hungria estabeleceu, desde o fim do comunismo, como linhas mestras de sua política externa, a integração do país à União Europeia, a incorporação à estrutura euro-atlântica, a construção de laços profundos com os vizinhos da Europa Central e a proteção das comunidades húngaras no exterior. Esses objetivos permanecem atuais, tendo-se presente que a adesão à OTAN e à UE já foi alcançada, como assinalado acima. Os demais são processos de mais longo prazo, que exigem ação permanente e são também condicionados pela vontade e interesses dos demais países envolvidos.

11. Nesse sentido, deve-se mencionar, no âmbito da aproximação com os países vizinhos, a intensa atividade da diplomacia húngara no seio do chamado Grupo de Visegrado, ou V-4, que reúne, além da Hungria, Polônia, República Tcheca e Eslováquia. Em funcionamento desde 1991, o V-4 foi criado para promover a integração à UE, bem como para avançar a cooperação militar, econômica e energética entre seus membros. Há também o objetivo de coordenação de posições em questões políticas, o que nem sempre funcionou a contento, em razão das diferenças ideológicas que volta e meia podem separar os governos do grupo.

12. Há alguns anos, a Hungria experimentou relativo isolamento dentro do V-4, em razão precisamente da visível afinidade de Orbán com o governo russo (a Hungria depende em larga escala da Rússia para seu abastecimento em matéria de energia) e da postura algo recalcitrante que, por essa mesma razão, assumiu diante da crise ucraniana. Registre-se que a Hungria opôs-se à decisão da UE de aderir em bloco às sanções econômicas aplicadas contra Moscou pela crise resultante da questão da Crimeia. Segue-as a contragosto.

13. Hoje, porém, nota-se mais coordenação e entendimento entre os quatro países do V-4, após a instalação de governo conservador na Polônia e o progressivo recrudescimento do discurso antiimigratório na República Tcheca e na Eslováquia. Num momento em que a Europa tem dificuldades em adotar posições concertadas em vários temas, o V-4 tem-se destacado pelo razoável nível de unidade que passou a apresentar em meses recentes.

14. Com efeito, a crise migratória que se instalou na Europa a partir de meados de 2015 recobrou o espírito de união do V-4, que passou a ser forte e constante opositor do encaminhamento dado por Bruxelas ao tema. O grupo tem-se coordenado antes e durante reuniões de cúpula da UE, com vistas à adoção de posição comum, sobretudo em relação ao

rechaço às chamadas cotas obrigatórias de reassentamento de refugiados, uma bandeira levantada desde o início pelo governo húngaro.

15. O deslocamento da crise humanitária migratória da Itália para os Bálcãs entre 2014 e 2015, e o polêmico encaminhamento dado pelo governo Orbán ao tema colocaram a Hungria no centro das atenções internacionais no último ano. Bem antes da extraordinária intensificação do fluxo de pessoas em direção à Europa, o primeiro-ministro já alardeava seu rechaço ao ingresso dos chamados "migrantes econômicos" em território magiar. Foi sobretudo em reação a eles que o governo passou a adotar retórica severa antiimigratória, complementada por campanhas e políticas hostis. O país foi o primeiro a lançar a ideia - e executá-la - do reforço à proteção do território, ao selar com cercas de arame farpado a extensa fronteira verde com a Sérvia, imagem que foi reproduzida à exaustão nos principais meios de comunicação internacionais e que lhe rendeu críticas severas, na medida em que, entre outras associações de ideias, evocava os momentos mais dramáticos da história contemporânea do continente.

16. Duramente criticadas, portanto, pela opinião pública internacional e pelos governos que à época não opunham resistência e mesmo estimulavam esse fluxo de pessoas (Alemanha e Áustria à frente), as medidas terminaram por se mostrar eficazes diante da dimensão que o problema passou a ter (inclusive em sua vertente terrorista) e da incapacidade demonstrada pela Europa de resolvê-lo adequada e tempestivamente. As medidas restritivas foram, portanto, replicadas paulatinamente em vários países da região. Eleições realizadas em alguns desses países confirmaram seu apelo popular, com a vitória de forças conservadores ou o crescimento claro da popularidade de movimentos políticos radicais de direita.

17. Em síntese, a crise migratória não parece mais representar maior risco à Hungria. No entanto, o governo vem mantendo o tema na agenda interna, muito em razão dos dividendos políticos que gera.

18. Analisando retrospectivamente, o maior pecado de Viktor Orbán talvez tenha sido o de excesso de retórica, com a utilização de expressões demasiadamente fortes e politicamente incorretas que sem dúvida causaram danos à imagem do país. É preciso reconhecer, porém, que a postura do primeiro-ministro lhe tem rendido frutos internamente, pois seu partido permanece na liderança incontestada em todas as pesquisas de opinião que vêm sendo periodicamente divulgadas. Observa-se que nem mesmo o principal partido de extrema direita, o JOBBIK, em segundo lugar em intenção de voto, tem conseguido ameaçar a ampla hegemonia do FIDESZ.

RELAÇÕES BILATERAIS

19. Em dezembro de 2011, o governo Orbán tornou público documento em que procurou ampliar e atualizar os objetivos de sua ação diplomática, no contexto da chamada "Abertura para o Leste", em que a América Latina - mas também outras regiões da Ásia e África - é apresentada como uma prioridade a merecer grande atenção. E de imediato ações foram tomadas no sentido de dar efetividade a essa aspiração.

20. O governo húngaro, como não poderia deixar de ser, via no Brasil desde logo um parceiro importante, de grande potencial a ser ainda devidamente explorado para o aprofundamento e fortalecimento das relações bilaterais. Do lado brasileiro houve, à época, reação positiva. O número de visitas trocadas nesse período foi significativo: o então chanceler János Martonyi visitou o Brasil em 2011; a I Reunião de Consultas Políticas teve lugar em 2012 em Budapeste (o mecanismo fora estabelecido em 2010), e a segunda em 2013; a I Reunião da Comissão Econômica Mista realizou-se em Brasília em 2012 (vários anos, portanto, depois de seu estabelecimento pelo Acordo de Cooperação Econômica, datado de 1986); o Programa Ciência sem Fronteiras passou a incluir as universidades húngaras em 2012; diversas altas autoridades brasileiras estiveram na Hungria de 2011 a 2013, como os então ministros da ciência e tecnologia, da agricultura e da pesca. Do lado húngaro, o ministro da agricultura também visitou o Brasil em 2012; o presidente János Ader presidiu a delegação húngara à Rio+20; o presidente da FIESP, Paulo Skaf, esteve em Budapeste também em 2012; e o então vice-presidente Michel Temer fez visita oficial à Hungria em junho de 2013. Dessas visitas, contatos e reuniões resultou uma série de acordos, mormente sob a forma de memorandos de entendimento, em áreas técnicas e de promoção do comércio e investimento.

21. Ao chegar a Budapeste, em 2013, deparei-me, portanto, com esse quadro acima descrito, bastante promissor.

22. Em setembro de 2013, realizou-se a II Reunião da Comissão Econômica Mista, dessa feita em Budapeste. Em 2015, Brasília acolheu a III Reunião. A IV Reunião estava em princípio marcada para este ano, na capital húngara, mas o mais provável é que se realize apenas em 2017.

23. Em maio último, o vice-chanceler László Szabó esteve em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro para visita inserida no contexto da III Reunião de Consultas Políticas, visita essa que teve lugar poucos dias depois da ascensão do novo governo brasileiro, então ainda interino. Isso denota pronto reconhecimento pelo país da situação brasileira no momento mesmo em que ocorria, numa demonstração do pragmatismo de sua diplomacia. Registre-se que as reuniões de consulta política são essenciais para que os países troquem experiências e

avaliações não apenas do estágio das relações bilaterais, mas também de temas de agenda internacional. É, portanto, mecanismo que tem o condão de promover a confiança mútua, essencial para que se possam obter, por exemplo, apoios importantes, como o que a Hungria desde o primeiro momento deu à candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança, o apoio ativo à candidatura do Embaixador Roberto Azevêdo à direção-geral da OMC, bem como à eleição do Senhor José Graziano à direção-geral da FAO (recentemente reeleito com renovado e entusiástico apoio húngaro). Registre-se, por sinal, que desde então a Hungria também tem apoiado um número considerável de candidaturas brasileiras em organismos internacionais dos mais variados temas. Cito algumas: OACI, IMO e UPU.

24. O presidente János Áder participou da abertura dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, tendo aproveitado a oportunidade para visitar São Paulo e Foz do Iguaçu; o primeiro-ministro Viktor Orbán, por sua vez, participou dos dias finais do evento, tendo também viajado ao Brasil para assistir aos jogos finais da Copa do Mundo em 2014.

25. A realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro, por sinal, deu grande visibilidade ao Brasil. Fui chamado a participar de várias reuniões organizadas pelos dois comitês húngaros e a conceder numerosas entrevistas à imprensa. A embaixada, ademais, firmou em 2015 Memorando de Cooperação com o Comitê Paralímpico Húngaro, documento que teve por efeito aproximá-la muito positivamente daquela instituição. Registre-se também que Budapeste lançou sua candidatura para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2024; a decisão sobre a cidade-candidata a ser escolhida será tomada em setembro de 2017, em Lima.

26. Em maio de 2014, ao tomar posse pela segunda vez consecutiva, o governo de Viktor Orbán promoveu mudanças estruturais importantes na Chancelaria (como também em outras áreas da administração). Foi nomeado chanceler Péter Sijjártó, jovem auxiliar do primeiro-ministro, que faz parte de seu círculo íntimo e de confiança.

27. O ministério do exterior incorporou a suas atribuições praticamente todas as questões vinculadas a comércio e investimento; a chancelaria foi completamente reestruturada e passou a denominar-se Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comércio Exterior; a ele ficaram subordinados órgãos tais como a Agência de Promoção de Investimentos da Hungria (HIPA) e o Eximbank Húngaro. Uma reestruturação muito semelhante a que, mais recentemente, com o advento do governo do presidente Michel Temer, se produziu no Itamaraty.

28. A mencionada política de Abertura para o Leste foi desmembrada e atualizada para também prever, de maneira

específica, a chamada "Abertura para o Sul", concentrada na América Latina, África Subsaariana e certas regiões da Ásia.

29. Como pano de fundo para essas mudanças conceituais está a determinação do governo em fazer com que a relação entre as exportações e o PIB da Hungria figure entre as maiores na União Europeia, além do desejo de se liberar do que considera uma excessiva dependência comercial e política da UE e dos EUA. Mencione-se, aliás, que a agenda externa levada a cabo pelo primeiro-ministro também é densa, na linha da orientação dada à chancelaria que, em última análise, resulta de avaliação que o próprio Orbán faz do que são os interesses primordiais do país.

30. Não há adjetivação mais adequada para caracterizar o ministro Szijjártó do que a de "workaholic". Sua presença conferiu à diplomacia húngara dinamismo sem precedentes, que se traduz no número extraordinário de visitas que faz e que recebe, sempre com objetivos concretos e em busca de resultados tangíveis, seja no âmbito bilateral ou para participar de reuniões e encontros temáticos. Já conseguiu superar, nesse tempo, certo desconhecimento que demonstrava, de início, das práticas, linguagem e códigos da diplomacia. Tornou-se também o porta-voz principal do chefe de governo em questões polêmicas com repercussão internacional envolvendo a Hungria, como nos episódios relacionados com a crise migratória.

31. No âmbito da aproximação com a América Latina, o ministro visitou em 2015 a Argentina, o Uruguai e o Chile, e este ano o Equador, o México e a Costa Rica. As embaixadas húngaras em Santiago e Quito foram (re)abertas, como também o Consulado-Geral em São Paulo; está prevista para o início do ano próximo a abertura de missões diplomáticas em Bogotá e Lima.

32. O ministro é também responsável pela implantação das chamadas Casas de Comércio, que envolve uma espécie de parceria público-privada e tem o objetivo de dotar o país de mecanismos ágeis de promoção do comércio e do investimento: tais iniciativas têm-se espalhado por todo o mundo; uma delas funciona desde 2015 no Rio de Janeiro. É preciso, ademais, que se registre o fato de que a abertura de embaixadas e das casas de comércio envolvem todas as regiões do mundo, incluindo a África e a Ásia.

33. Consoante essa orientação, o ministério passou a contar em sua estrutura com uma Subsecretaria da Abertura para o Sul e foi criado um Departamento para a América Latina e o Caribe, específico, portanto, para nossa região.

34. Em mais de uma oportunidade manifestou o chanceler húngaro interesse em visitar o Brasil e receber em Budapeste o ministro brasileiro. Circunstâncias vinculadas à situação

política nacional recente impediram que essa agenda fosse cumprida até agora. Mas registre-se que em abril deste ano o então ministro Mauro Vieira se encontrou com Szijjártó para reunião bilateral à margem da IV Cúpula de Segurança Física Nuclear realizada em Washington, quando o convite a que visitasse Brasília e São Paulo foi reiterado. Também o primeiro-ministro Viktor Orbán tem feito chegar ao governo brasileiro seu desejo de visitar o Brasil oficialmente.

35. Entre os temas tratados no encontro acima mencionado entre os dois ministros, na capital americana, estava o pedido brasileiro de apoio húngaro ao processo de troca de ofertas entre o Mercosul e a UE referente ao Acordo de Associação entre os dois blocos, considerado prioritário para o Brasil. Em Budapeste, mobilizei-me também para obter o assentimento das autoridades húngaras, que tinham algumas preocupações, sobretudo na área agrícola. Avistei-me com funcionários da chancelaria e do ministério da agricultura, e a avaliação que decorreu desses encontros foi a de que o ministério do exterior aparentemente tinha posição mais favorável, ainda que alegasse imensa carga de trabalho em razão de numerosos acordos semelhantes que vinham sendo simultaneamente negociados, enquanto o da agricultura não escondia suas preocupações com eventuais danos que a entrada de produtos agrícolas no mercado europeu, sobretudo em face do alto potencial agrícola brasileiro, pudesse causar ao setor na Hungria. No final, a troca de ofertas realizou-se como previsto, mas a Hungria foi apontada como um dos países que de certa forma tentaram obstaculizar a iniciativa, pelo menos naquele momento.

TEMAS ECONÔMICOS E COMERCIAIS BILATERAIS

36. No plano bilateral, o comércio entre o Brasil e a Hungria praticamente dobrou em dez anos. Em 2015, totalizou US\$ 656,4 milhões, segundo a APEX. Em 2016, até o mês de julho, registrava a soma de US\$ 267,8 milhões. É um resultado ainda razoável, se se leva em conta que a crise brasileira nesses dois últimos anos afetou negativamente nosso desempenho, mas está longe do montante de US\$ 1 bilhão que se julgava, há três anos, como a meta a ser alcançada até o final de 2015. O México é o país latino-americano com o maior volume de comércio com a Hungria.

37. O Brasil exporta para a Hungria principalmente couros e peles, blocos e cabeçotes para motores a diesel, café solúvel e fumo. São basicamente os mesmos produtos há vários anos. Por sua vez, adquire sobretudo automóveis, motores para veículos, resinas amínicas e eletrodomésticos. Os dados de janeiro a julho deste ano refletiram, como já assinalado, a contração da economia brasileira - uma redução de 31%, em relação ao mesmo período do ano passado, ou seja de US\$ 390,7

milhões para US\$ 267,8 milhões, com queda significativa das importações brasileiras.

38. O desequilíbrio na balança comercial bilateral exige ação mais determinada de nossa parte e a busca de oportunidades para a exportação de produtos com maior valor agregado. Por essa razão, tenho apoiado, na medida de minhas possibilidades, os esforços que a Embraer tem feito para sensibilizar as autoridades do ministério da defesa húngaro para seu mais novo produto, a aeronave KC-390 de transporte. Esse apoio incluiu, por exemplo, a obtenção de audiência de representante da empresa com o então ministro da defesa húngaro, em maio de 2014. A cooperação na área de defesa, por sinal, era uma das modalidades mais promissoras examinadas quando da I e II reuniões da Comissão Econômica Mista, mas, a exemplo de outras iniciativas, não conseguiu prosperar.

39. A reestruturação recentemente havida no Itamaraty, com a valorização do comércio e investimento em sua agenda, pode ser uma boa oportunidade para que se avalie mais a fundo essa questão e se tomem medidas adequadas para superar as eventuais dificuldades.

40. Talvez o melhor momento para o início dessa reação venha a ser propiciado pela IV Reunião da Comissão Econômica Mista, inicialmente prevista para realizar-se em Budapeste nos próximos meses. A Comissão tem trabalhado com vistas a incrementar o comércio bilateral e prospectar complementariedades econômicas. Sua pauta tem sido ambiciosa, englobando um sem-número de setores e iniciativas considerados prioritários nas áreas de promoção comercial, investimentos, cooperação entre pequenas e médias empresas, energia, transportes, ciência e tecnologia, agricultura e aquicultura, manejo da água, indústria da saúde, educação e cultura e turismo. Tem-lhe faltado, em minha avaliação, foco mais detido e a escolha de prioridades que realmente possibilitem atuação mais eficaz e resultados concretos.

COOPERAÇÃO EDUCACIONAL

41. Uma palavra sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. A Hungria foi, nesse particular, um caso de sucesso, com 2200 alunos beneficiados desde 2012. A interrupção do programa causou natural desapontamento no governo e no meio acadêmico húngaros. Apesar de eventuais falhas que a CAPES e o CNPq poderão avaliar com maior consistência quanto ao funcionamento do CsF, o fato é que os estudantes brasileiros pareciam maciçamente satisfeitos com a experiência acadêmica vivida e a oportunidade que lhes foi oferecida do ponto de vista pessoal, a partir de impressões colhidas por mim e meus colaboradores nos múltiplos contatos com eles mantidos. O CsF teve, ademais, o condão de aproximar as relações humanas entre os dois países, que passaram a ter conhecimento melhor

um do outro. É importante assinalar que o Conselho de Reitores da Hungria, órgão escolhido para tratar de todas as questões relacionadas ao CsF, criou internamente grupo dedicado a acompanhar especificamente a execução do programa e as demandas acadêmicas e logísticas dos estudantes brasileiros. Sua ação foi fundamental pelo atendimento permanente e atenção cuidadosa que prestou aos nossos intercambistas; com ele a embaixada estabeleceu relacionamento muito frutífero e intenso.

42. O governo húngaro, por seu lado, em parte para não interromper esse fluxo de intercâmbio, tomou mais recentemente a iniciativa de oferecer 250 bolsas de estudo para estudantes brasileiros em suas universidades, no âmbito de programa que desenvolve e que tem sido utilizado por inúmeros países. Trata-se de proposta generosa, a custo mínimo ou mesmo zero para o Brasil, que deve ser devidamente avaliada. Informações de que disponho dão conta de que as áreas competentes do MEC, depois de receber, de início, a proposta húngara com algumas reservas de natureza técnica, estariam atualmente mais abertas a aceitá-la, o que considero altamente positivo.

TEMAS CONSULARES

43. A comunidade brasileira na Hungria reúne cerca de 400 pessoas, em geral bem estabelecidas no país, às quais se somaram, a cada um dos últimos anos, mil participantes do CsF. A adaptação à realidade local daqueles nossos nacionais que vivem em caráter permanente no país ocorre sem dificuldades, e são apenas rotineiros e pouco numerosos os casos de assistência consular prestada pela embaixada.

44. Do lado húngaro, os descendentes que vivem no Brasil formam uma comunidade de cerca de 80 mil pessoas, residentes em sua maioria em São Paulo, mas também presentes no Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro. O Colégio Santo Américo, importante estabelecimento de ensino em São Paulo, foi fundado na década de 1950 por monges beneditinos húngaros. Como em outros países, o governo húngaro mantém importantes programas de preservação dos laços culturais e do idioma entre os descendentes no Brasil, especialmente em São Paulo e Santa Catarina. No ano passado, foi criado na USP centro de ensino do idioma húngaro, com grande sucesso e considerável adesão de interessados.

SITUAÇÃO DA EMBAIXADA

45. Desde 2014 até recentemente, a embaixada, como outros órgãos da administração pública, não ficou imune aos sucessivos cortes orçamentários impostos. Apesar dos esforços que fizemos no sentido de racionalizar gastos e reduzir despesas, houve constrangimentos que não puderam ser

evitados. Tal situação, como é de conhecimento público, afetou também a vida dos funcionários do quadro de pessoal do ministério nela lotados.

46. Por feliz circunstância, a residência da embaixada fora transferida no final de 2013, com efetiva ocupação em 2014, para local que, por suas características, possibilitou grande economia de recursos, ainda que em situação física mais favorável que o prédio anterior. Isso foi fundamental para que se pudesse enfrentar melhor o quadro de escassez de meios financeiros.

47. Do ponto de vista programático, as atividades na área cultural foram sem dúvida as mais atingidas, com a descontinuidade de alguns projetos que já eram tradicionais e a impossibilidade de organizar novos. Com isso, a programação cultural de 2014 a 2016 foi praticamente inexistente, apenas reativa a propostas oferecidas por outras instituições, como algumas universidades.

SUGESTÕES PARA O PRÓXIMO CHEFE DE MISSÃO

48. Em primeiro lugar, é preciso rever com consistência os trabalhos da Comissão Mista. Tenho a convicção de que se trata de mecanismo fundamental, mas seu escopo tem sido excessivamente amplo. Inúmeros atos assinados ao longo desses quatro anos não tiveram qualquer resultado e algumas propostas formuladas tampouco foram consideradas, a despeito dos esforços feitos para torná-los operacionais. A oportunidade que se abre com a incorporação da APEX e da Secretaria Executiva da CAMEX ao Itamaraty pode ser essencial para reverter esse quadro e responder mais consistentemente ao forte interesse húngaro - que é nosso também - de fortalecimento das relações comerciais e de cooperação em áreas determinadas, como em ciência e tecnologia. É importante que a IV reunião da Comissão Mista conte também com grupo representativo de empresários brasileiros, num sinal claro de que a priorização que o Itamaraty pretende conferir agora a esses temas é efetiva.

49. A proposta húngara de disponibilizar 250 vagas para estudantes brasileiros em suas universidades é altamente positiva, e ocorre num momento em que se dá descontinuidade ao programa Ciência sem Fronteiras, como já assinaliei. É preciso acompanhar com interesse as negociações em curso entre o MEC e a Hungria e, se for necessário, agir para que eventuais restrições que tenhamos sejam superadas.

50. Recomendo também que se procure averiguar em maior profundidade a consistência dos argumentos húngaros de que eventual acordo de associação entre o Mercosul e a UE traria prejuízos elevados ao país na área agrícola. Nunca consegui obter das autoridades locais explicações concretas e

indiscutíveis sobre essa questão, apenas comentários genéricos. Eventual solução poderia advir da busca de associação entre empresários húngaros e brasileiros em setores que venham a ser identificados como prioritários.

Valter Pecly Moreira, Embaixador